

## **REFLEXÕES A RESPEITO DA UTILIZAÇÃO DO ESPORTE COMO MEIO EDUCATIVO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Irene C. RANGEL-BETTI<sup>1</sup>

---

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo alertar os profissionais de Educação Física sobre a utilização do esporte na escola de maneira irrefletida. Termos como a competição, a cooperação, a lealdade, e o espírito de equipe são alguns dos itens abordados, na tentativa de levantar-se um questionamento maior sobre eles. O esporte pode ser um meio efetivo de Educação, desde que o professor o transforme em tal.

UNITERMOS: esporte-educação, educação física escolar

---

### **ABSTRACT**

#### **REFLECTIONS ABOUT THE UTILIZATION OF SPORT AS A WAY OF EDUCATION IN SCHOOLA PHYSICAL EDUCATION**

The present work has the purpose to alert Physical Education Professionals about the irreflexive utilization of sport in school. Terms like competition, cooperation, loyalty and "spirit of team" are some of the approached items, trying to rise major considerations about them. Since the teacher transform sport in a way of education it Can be very effective.

UNITERMS: sport education, school physical education

---

### **INTRODUÇÃO**

A Educação Física, por várias influências que não citaremos aqui, tornou-se, nas duas últimas décadas, um veículo de difusão do esporte, sendo muitas vezes este termo confundido ou utilizado como sinônimo de Educação Física. Na escola isto não é diferente. Vários estudos demonstram uma associação entre Educação Física escolar e o Esporte, embora por si só o esporte não possa ser considerado como "educativo" (Caviglioli, 1976; Kunz, 1991; Betti, 1991; Lovisolo, 1995; Bracht, 1986).

---

<sup>1</sup> Professora do Dep. de Educação Física/UNESP - SP

Nas palavras de Belbenoite (1974), " o esporte não é educativo sob todos os planos, a menos que um educador faça dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de Educação"(p.55). O esporte é aquilo que se fizer dele. Terá ou não valor educativo dependendo da forma como for utilizado, pois é um reflexo das pessoas que o praticam. Ao indagar-se sobre o valor educativo do esporte, aqui entendido como "uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde"...(Betti, 1991), podemos distinguir correntes de pensamento entre os professores de Educação Física, realização que ora o valoriza positivamente, ora negativamente.

Entre os autores que analisaram o esporte no contexto escolar temos, por exemplo, Bracht (1986,1992) que discutiu o caráter funcionalista da aplicação do esporte na escola, demonstrando que, da forma como o mesmo é desenvolvido, serve apenas para dar continuidade ao processo de dominação capitalista.

Mesmo compreendendo que o esporte realmente pode ser utilizado de forma irrefletida, concordo com Kunz (1991) quando considera que o mesmo poderá possuir outro significado, contribuindo para uma "Concepção mais ampla, de fenômeno Antropológico, Sócio-Cultural e Histórico" (p.165). Poderá, desta forma, ser entendido como um meio social-pedagógico a ser utilizado em Educação Física escolar.

Tavares (1995) apontou brilhantemente em seu artigo caminhos na direção da utilização do esporte, bem como de jogos populares e de salão, de forma metodológica-pedagógica que não a habitual. Utilizando-se do conhecimento dos próprios alunos, elaborou, juntamente com os mesmos, uma unidade de ensino para trabalhar o conteúdo jogo. Tanto os objetivos, quanto as estratégias e avaliações, partiram do coletivo, ou seja, da interação do conhecimento do professor e dos alunos, além de pesquisas sobre o assunto.

O objetivo deste trabalho é sugerir formas de utilização do esporte em escolas de 1º e 2º graus, que possam ser vistas não como "receita de bolo", pronta e acabada, mas sim como propostas a serem discutidas pelos profissionais de Educação Física, propostas estas baseadas na literatura mas, principalmente, em minha experiência profissional. Para tanto, vou tentar discutir a prática do dia-a-dia, observando temas como a cooperação, competição, regras, espírito de equipe, entre outros. Assim procedendo, creio que possamos questionar os valores do esporte de rendimento que têm sido, pura e simplesmente, copiados para a escola, e tentar transformá-los, pois o contexto escolar exige uma outra forma de se ver e tratar o esporte.

## **ESPORTE...MAS QUAL ESPORTE?**

A prática do esporte em escolas é uma realidade que não podemos negar. Muito embora em diversas regiões do Brasil e, em muitas escolas públicas esta prática seja impossível, por falta de material e espaço apropriado, a verdade é que, mesmo

assim, copiamos os modelos esportivos de outros países, e os utilizamos em nossa prática diária. Tendo em vista a difusão que os meios de comunicação fazem dos esportes, dificilmente isto seria diferente. Assim sendo, acredito que possamos conciliar a difusão de jogos de origem folclórica ou criados por nossos alunos em aula, com os esportes ditos formais ou de rendimento, além é claro, de outros conteúdos, que contribuam para a formação integral dos alunos.

Em recente artigo (Betti, 1995) discuti a utilização exacerbada do esporte na escola. Continuo acreditando que existem outras formas de se socializar o movimento na escola. Entretanto, o esporte dificilmente poderá ser negado nas instituições escolares, e não acredito mesmo que o deva ser, embora:

..."devemos entender que o movimento que a criança realiza num jogo, tem repercussões sobre todas as dimensões do seu comportamento e mais, que esta atividade veicula e faz a criança introjetar determinados valores e normas de comportamento. Portanto, aquela idéia de que atuando sobre o físico estamos automaticamente e magicamente atuando sobre as outras dimensões, precisa ser superada para que estas possam ser levadas efetivamente em consideração na ação pedagógica...O que atualmente acontece é que ...as estratégias/atividades são totalmente norteadas pelos objetivos relacionados à aptidão física, destrezas desportivas, aprendizagem motora"... (Bracht, 1992, p. 66).

Podemos compreender que o esporte é uma prática de transformação social, desde que o professor, principalmente, o encare como tal. Precisamos, por conseguinte, ter outros objetivos para o desenvolvimento do esporte escolar. Não podemos negar o esporte na escola, negar a cultura esportiva, mas sim atuar sobre o mesmo e, segundo Bracht (1992), desmistificá-lo. Assim, desde que a utilização do esporte como prática social-pedagógica seja aceita como uma realidade, passamos, a seguir, a discutir alguns pontos desta prática.

Um dos pontos fundamentais desta discussão é a contribuição para a formação do **espírito de equipe**. De que forma isto acontece? De forma bem simples, podemos e devemos explicar aos nossos alunos coisas que às vezes parecem redundantes, mas que são fundamentais para a formação do espírito de equipe. Uma equipe necessita de todos os integrantes para jogar. A falta de um ou mais companheiros torna o jogo esportivo desmotivante, enfadonho ou descaracterizado; sendo assim, todos são importantes. Dentro ainda desta linha de pensamento não importa quanto um jogador seja bom, sem o restante da equipe não pode haver o jogo, "uma Hortência só não faz verão."

Outro fator importante é mostrar aos alunos que jogar contra é **jogar com** (Belbenoite, 1974; Bracht, 1992). Não haveria jogo ou competição sem a equipe adversária e, portanto, o adversário é peça fundamental. O coletivo deve estar além do individualismo, e isto equivale a compreender que o adversário é um companheiro tanto quanto o companheiro de nossa equipe. Mesmo porque deve-se levar em conta que o jogo esportivo, como qualquer jogo, possui a magia de ter um começo, um meio e um final. Terminada esta magia todos voltam à realidade, e isto equivale a dizer que todos os alunos estarão se encontrando em outras aulas, em diversos locais da escola, em

outras aulas de Educação Física e o mesmo colega-adversário poderá, em dado momento, estar em sua equipe. A escola, portanto, funciona em um contexto diferente do contexto institucional esportivo. Cabe ao professor elucidar isto aos alunos.

Em relação à **cooperação**, creio que ela ocorra muito mais em nossas vidas do que a **competição**, ainda que se pense e se afirme o contrário.

Considero o ser humano muito mais cooperativo do que competitivo. Apesar da sociedade em que vivemos estimar mais o valor da competição, entendo que é a cooperação predominante. Se o contrário ocorresse, fatalmente o ser humano já estaria extinto da face da Terra. O mesmo pode ser observado no esporte escolar: sobra cooperação, mas falta falar sobre ela.

Creio que aí reside o papel do professor, discutir com os alunos e mostrar quando e como ocorre a cooperação. No jogo esportivo cooperar significa alcançar o mesmo objetivo em conjunto, para que o jogo possa ocorrer. Se cada um jogar de acordo com o que pensa, e da forma como acha correto, sem observar o outro, sem colaborar, não haverá jogo. A própria definição de jogo coletivo já nos demonstra este princípio.

Assim, no jogo encontramos várias formas de desenvolvimento da cooperação. Podemos percebê-la na cooperação interna entre o grupo (da própria equipe e da equipe adversária) para que o jogo aconteça. Além disso, o professor pode solicitar a cooperação de seus alunos para a organização do jogo, que inclui a divisão das equipes, a organização do material necessário (transportar, cuidar, conservar, guardar), a arbitragem, a contagem, o tempo, etc. Desta forma os alunos não serão tratados como mero espectadores. Tavares (1995) descreve a organização de suas aulas, incluindo a colaboração/cooperação que vai desde o planejamento até a avaliação, passando, é claro, pela execução do jogo.

Uma outra característica do esporte é a **competição**, não podemos negá-la, mas podemos discutí-la. Muitas questões podem ser levantadas junto aos alunos, como por exemplo: Qual o valor da competição? Quais os exageros ligados à competição? O doping, a corrupção e a violência são valores a serem aproveitados? As agressões que assistimos ultimamente entre torcidas são exemplos a serem copiados?

O que geralmente ocorre quando a competição é exagerada, pode significar uma oportunidade de discussão e acordo por parte da turma. O professor não pode continuar como promotor das resoluções destes conflitos, atuando como juiz e resolvendo todos os problemas. Um momento de discórdia sempre pode acontecer, e nesta hora deve ser incentivada a **resolução e conflitos** pelos próprios alunos. Isto pode significar, às vezes, perda de tempo em termos de horário de aula. Entretanto, deixar que estes decidam pode significar muito em ganho de vivência e participação social. Muitas vezes, os alunos acabam percebendo que a discussão sem resultados faz com que a aula seja perdida, e geralmente chegam a um entendimento. Quando o professor decide quem está certo ou errado, evita discórdias, mas impede também a participação e tomada de decisão dos alunos.

Quanto às **regras**, acredito que não devam servir como suporte para a alienação e subserviência dos alunos. Muito pelo contrário, é necessário compreender por qual motivo determinadas regras foram criadas e por que podemos questioná-las. A possibilidade de **discussão sobre as regras** do jogo esportivo, ou a adaptação de novas regras, não faz com que o jogo perca suas características, mas permite que seja entendido e não simplesmente copiado. Neste ponto outros esportes podem surgir, adaptados às condições regionais da escola.

O incentivo à **lealdade** também é algumas vezes esquecido, e até mesmo a deslealdade é praticada quando o interesse está em ganhar a qualquer preço. Ações como ficar na frente da bola para o juiz não enxergar corretamente, ou elevar os braços à frente do adversário são ensinadas aos alunos, parecendo sem muita importância ou consequência, mas que camuflam uma deslealdade. Aprender a dizer quando uma bola foi dentro ou fora e reconhecer uma falta cometida, ao contrário, são ações que incentivam o "fair play", tão fora de moda ultimamente. Geralmente, comportamentos desleais como os descritos são passados aos alunos por professores frustrados que, não conseguindo ser técnicos esportivos, tentam fazer de seus alunos atletas, quando na realidade nem de atletas deveríamos aceitar tais condutas.

Outras discussões podem ser levantadas, por exemplo, em relação à **hierarquia** existente no esporte de alto nível. Quais os valores que estão por trás disto? É possível observar o esporte de alto nível e compará-lo à sociedade capitalista? É este o tipo de exemplo que devemos seguir?

Estas e outras questões ligadas ao esporte escolar devem ser discutidas, em meu entender, tanto pela classe dominada, quanto pela classe dominante. Não podemos esquecer que o professor de Educação Física é um profissional atuante tanto no magistério público quanto no particular. Inclusive, a maioria dos estabelecimentos de ensino de 2º grau são da esfera privada; então por que não discutir igualmente a questão do esporte a serviço do capitalismo com estes alunos? Por que não aceitar que a aprendizagem social através do esporte escolar, embora não possa resolver todos os problemas sociais, pode ser alcançada igualmente a partir da classe que ora é dominante?

Kunz (1991) em estudo que analisou a prática pedagógica da Educação Física na escola pública e particular, relata que não há diferença entre as concepções de esporte para os professores das duas escolas. Desta forma podemos perceber que a diferença reside pura e simplesmente nas questões materiais e de local das aulas. Tanto os professores das escolas públicas, quanto das particulares vêm a utilização do esporte de forma a garantir o princípio do rendimento (para isto há a necessidade de instrumentalizar os alunos, ensinando-lhes corretamente todas as técnicas e táticas do esporte), impregnado pelo princípio de sobrepujança (vencer constantemente, sobrepujar o adversário), e selecionamento dos melhores (hierarquia esportiva).

Dentro desta perspectiva, podemos discutir também a questão do **rendimento máximo**. Até que ponto um treinamento máximo pode significar fator de saúde? Oito horas de treinamento diário é exemplo de dedicação ou de suicídio? E a questão das

recompensas? A um escolar interessa mais a recompensa intrínseca (interna), onde o real valor está em sentir prazer em jogar, ou a recompensa extrínseca (externa) representada por medalhas é mais importante?

Por último, gostaria de acrescentar que **discutir** questões relativas ao esporte nas aulas de Educação Física não significa transformar estas em aulas exclusivamente teóricas, mas significa aproveitar os momentos do aprendizado em algo a mais do que aprender técnicas e táticas. As técnicas e táticas, inclusive, devem igualmente ser analisadas e contextualizadas - por que utilizá-las, quando, como podem ser diferentes de indivíduo para indivíduo, quais as facilidades e dificuldades de sua utilização, etc.

## CONCLUSÃO

Um simples artigo nunca será capaz de esgotar o assunto referente à utilização do esporte na escola, e para que o esporte possa ser utilizado como meio de transformação deve haver sempre uma prática de reflexão sobre todos os seus valores, positivos ou negativos. A intenção deste artigo, portanto, foi de levantar alguns pontos para esta reflexão a partir de uma prática social-pedagógica.

Acredito que o esporte pode e deve ser utilizado em escolas como meio educativo, o **como utilizá-lo** é o fator determinante de sua condição de meio educativo. Muitas são as formas de encarar-se o esporte. Aos alunos não pode ser negada a oportunidade desta discussão, pois afinal serão eles que no futuro utilizarão o esporte da forma como o vivenciarem na escola: promotor de lazer, prazer ou desprazer, competição exagerada, cooperação, discriminação, hierarquização ou lealdade.

A prática do ensino sem a contextualização de técnicas e táticas, da seleção dos mais hábeis em detrimento dos menos hábeis (da separação das turmas de treinamento como substituto de aulas regulares) ou a utilização de apenas uma modalidade de esporte para que a escola se torne a 'número um' desta modalidade, pode transformar o esporte em um meio para alguma coisa que não sei identificar bem, mas não, certamente, em um meio educativo para a convivência social. Como já afirmou Belbenoit (1974), o esporte será aquilo que se fizer dele e esta responsabilidade, pelo menos até aqui, está nas mãos do professor de Educação Física.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELBENOIT, G. **O desporto na escola**. Lisboa, Estampa, 1974.  
BETTI, I C.R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1995.  
BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo, Movimento. 1991.

- BRACHT, V. A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 7, n. 2. p. 62-68, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CAVIGLIOLI, B. **Sport et adolescents**. Paris: Jvrin, 1976.
- KUNZ, E. **Educação Física: ensino & mudanças**. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.
- LOVISOLO, **Educação Física: a arte da mediação**. Petrópolis: Sprint, 1995.
- TAVARES, M. O ensino do jogo na escola: uma abordagem metodológica para a prática pedagógica dos professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 2, p. 100-107, 1995.